

O ARROTO

Pedro Velho - RN, 15 de agosto de 2007

Ano I • Número 03 / o.arroto@bol.com.br

“EDUCASSÃO”: EM BUSCA DO CERNE DOS PROBLEMAS

“Cômodo é acreditar naquilo que nos consola. Mas, difícil é perseguir a verdade. Quanto de verdade nós somos capazes de suportar?”

Friedrich Nietzsche

O primeiro número do ARROTO teve uma tiragem tímida e, quase nenhuma repercussão, a não ser a preocupação de algumas pessoas em torno do nome, mas, isso é uma discussão para outro momento (se é que vamos abrir espaço para se discutir esse tipo de coisa). Como tímida, também, foi à iniciativa tomada, por mim e Marcos Teixeira de criar um informativo – inclusive a sugestão do nome é do próprio Marcos – que viesse despertar o interesse das pessoas em se criar um espaço de debates acerca de nossas mazelas, principalmente, por se tratar de um periódico que aborda os problemas locais. Como também tornar a leitura um hábito, e não um dever. Ousadia? Talvez! Bem, a verdade é que o segundo número causou um furor no corpo Docente do município, com um princípio meio que de revolta em torno das abordagens feitas no artigo *Os Psicologismos Baratos da Educação*. É compreensível.

Claro, acreditamos que os problemas da educação, de forma nenhuma, é fruto de uma única coisa. Há uma série de problemas e “defeitos” que têm que ser corrigidos, e esses “defeitos” e problemas são produtos de um câncer que está em processo de metástase e, de uma forma ou de outra, tem que ser estripado. Fazer uma abordagem unilateral acerca de assuntos que envolvem uma série de questionamentos abre, sem sombra de dúvida, espaço para insatisfação e revolta, embora, no artigo, não contenha data, local, hora ou pessoas citadas. Por isso, precisamos debater e discutir algo maior para o município que se venham atingir os objetivos ambicionados e não transformar o espaço da educação de Pedro Velho, como outros espaços que nós temos, em palanque político, para favorecer determinados indivíduos, que também, historicamente, nunca contribuíram em nada para nossa educação. DESAFIO PARA ME APRESENTAREM UM.

Condenar Cledenilson e absolver os professores é fácil. Condenar os professores e absolver Cledenilson, também, é fácil. Não é tarefa nossa. Entretanto essa preocupação acerca do que foi dito, me abriu os olhos e a mente para outro tipo de preocupação: existem problemas tão graves em nosso município quanto o da educação, inclusive problemas que inviabilizam uma boa educação. A falta de perspectiva gerada em torno da juventude, em torno do próprio município que está jogado às baratas, onde não existe um projeto vital para banir essas doenças sociais degenerativas: fome, drogas, a desordem social, a zona administrativa, violência, roubo, gatunagem, entre outros, são problemas de uma seriedade, quase que infinita.

No entanto, eu particularmente, nunca vi um educador levantar a voz contra isso (com exceção da professora Deda que já não ensina mais aqui). Ao contrário, todos, ficam nas penumbras, e alguns saem delas, apenas, quando

aparecem as migalhas, disfarçadas de benesses. Agora, as pessoas têm o direito de se sentirem ofendidas? Tem! Mas, não podemos viver em função de olhar apenas o nosso umbigo. O mundo é uma teia, tudo estar interligado e, esquecer nossas agruras coletivas em função apenas do nosso bem estar, é loucura, é condenar para posteridade as gerações futuras. E os nossos filhos? Criaremos, por acaso, um ambiente para que eles venham ser as próximas vítimas? Continuaremos ovacionando os verdugos? Quando se diz algo com o professor – mentira ou verdade, certo ou errado, justo ou injusto – existe uma reação estrondosa. Claro que compreendemos. Mas, quando se causa prejuízo ao município eu não vejo um posicionamento em favor de Pedro Velho (isso eu não compreendo). UM, se quer, levanta a voz para se opor – ou ao menos tentar – a essas selvajarias que são cometidas cotidianamente; essas orgias indecentes que trucidam o município – que inclusive influencia direta e indiretamente na qualidade da educação – e, quando o fazem é com um grau de descaramento, que beira a raia da insanidade, unido a uma das intenções mais nefastas que se possa existir: fazer palanque político para que indivíduos abjetos, retornem – com um tapete vermelho estendido – à prefeitura e, com isso, possam abarrotar seus bolsos com o erário público. Mas, no entanto, quando se toca na ferida particular, pontual que não resolve o problema geral, as pessoas se colocam de forma muito combativa, aguerridas e, até, em alguns casos, violentas. Puro individualismo!

Como foi dito, ser inquisidor com os professores é fácil. Como, também, é fácil ser inquisidor com Cledenilson. Agora, procurar onde está o cerne dos problemas da educação, esta é uma outra realidade e um desafio para todos. Quando iremos sair das penumbras e assumirmos uma postura contra essas barbáries, independentemente de quem seja o vilão? Quem tem coragem? Estamos abertos para o debate.

Nesta Edição

Seção de Cartas
O Arroto dos Leitores

Pág. 2

Façam Suas Apostas
por: Tito Lívio

Pág. 3

Conto de Escola
por: Gregório do Mato

Pág. 3

Alegorias Sociais
por: Metereologista Social

Pág. 4

Texto, Foto e Reflexão

Pág. 4

“Senta que lá vem a história
por: Marcos Teixeira

Pág. 4

Espaço PoeZia *por: Marcos Teixeira*

A Invenção de Deus

O homem era só feito um intruso,
Vivia coletando construindo.
Criou formas, multiplicou, foi dividindo.
Socializou-se, ficou então confuso.
Criou leis regras e direitos,
Dentre os seus, seu saber se alternou,
Descobriu que plantava, então plantou.
Foi mentor dos mais engenhosos feitos...

Mas a maior das invenções do homem fera,
Foi numa remota e atrasada Era
Onde o homem pra dominar os seus...
Inventou o sobrenatural.
A esfera do bem e a do mal:
O homem inventou satanás e Deus.

SEÇÃO DE CARTAS - O ARROTO DOS LEITORES

SOBRE OS PSICOLOGISMOS

Quero aqui parabenizar os editores do Arroto, 2ª edição, pelas matérias publicadas. Destaco aqui as considerações do Editorial quando cita “Queremos continuar arrotando e, que as pessoas compartilhem conosco dessa sensação, vista por muitos como falta de educação, mas que depois de um bom manjar, cai como uma luva em nossa satisfação”. Contudo, essas considerações enquadram-se para alguns leitores que não contemplam a leitura proficiente. Parabéns.

Quanto à matéria que publiquei, cabe alguns esclarecimentos, não pela intenção comunicativa do texto ou pela falta de proficiência de alguns leitores, mas pela interpretações intencionais mal-dosas. *Os Psicologismos baratos da educação* é, na verdade, um apanhado de desabafos, observações e críticas apontadas por vários professores, coordenadores e diretores que têm compromisso com a educação. Apenas eu adaptei a realidade ao texto reflexivo-argumentativo. O texto não se esgota em si mesmo. Quem tem a capacidade de entender e produzir profissionalmente um texto argumentativo acerca dessa

matéria, acredito que encontre espaço no Arroto. Se não for possível desenvolver essa capacidade, é bom deixar só para quem sabe “arrotar”. É bom ressaltar que o texto não aponta identificações e se apresenta de forma impessoal. Não há lugar, tempo ou identidade que fuja de seu contexto, embora tenha sido divulgado no âmbito de nossa região, em especial num periódico originário de nossa cidade, isso não quer dizer que todos os aspectos citados se refiram a educação de Pedro Velho. Ainda continuo insistindo na velha conhecida carapuça.

Desse modo, quero também parabenizar o Arroto pela imagem para reflexão bem adequada ao texto do Bertold Brecht “O analfabeto político”, lembrei de Ana Lopes quando era professora de português do Ocila Bezerril em Pedro Velho. O que Ana diria de nossa educação e de nós professores hoje?!

Dessa maneira, quero aqui parabenizar Marcos Teixeira pelo “Último Ósculo” no Espaço PoeZia e saber dele se há algo em comum entre ele e

o excelente Gregório do Mato.

Quanto a sua nota de esclarecimento sobre a Associação dos deficientes. Veio em boa hora, no momento quando se discute sobre a situação e as oportunidades dos Portadores de Necessidades Especiais. É uma boa reflexão.

Quero aqui parabenizar, mas também deixar alguma contribuição crítica. Que os textos sejam revisados e corrigidos atendendo as normas da gramática para evitar ambigüidades ou problemas de interpretação. E que mais pessoas sejam convidadas a participar na produção das edições. Seria bom ficar alguém responsável e atualizado sobre os eventos e fatos de nosso município e registrar o que está em evidência.

Gostaria que você abrisse um espaço para carta do leitor e publicasse esta.

Um abraço,

Cledenilson Moreira

NOSSA CARTA AOS LEITORES

Foi dito no Editorial do primeiro número do ARROTO que não se pretende fazer justiça com as próprias mãos, nem muito menos ser o porta-voz da absoluta verdade. O nosso objetivo, por mais que não se acredite, ou não se suporte, é criar abordagens acerca dos nossos problemas. O que não podemos fazer, daqui por diante, sempre que for lançada uma nova edição, é estarmos sempre justificando isso. As pessoas que se propuserem a contribuir conosco, nessa empreitada não maniqueísta, que apresentem as propostas. Outras que se sentirem ofendidas e quiserem espaço que tenham pelo menos a hombridade e se mostrem.

Diferentemente dos espaços que foram, são e serão, por um bom tempo, nos negado, o ARROTO será o “porta-voz” das insatisfações coletivas. Doa a quem doer, não iremos passar, daqui por diante, indiferentes a essas atrocidades. Já não é mais uma questão de honra. É uma questão de sobrevivência. E, quando falamos em sobrevivência não é querendo causar pânico ou até mesmo prever catástrofes. Não é preciso causar pânico nem prever catástrofes quando se vive dentro delas.

Há um bom tempo insisto, que precisamos romper com certas individualidades que nos perseguem, religiosamente, todos os dias, inclusive nos templos religiosos. Agora, quando falamos em individualidade, não é aquela que nos caracterizam com seres biológicos tais como: o ato defecar, flatular, arrotar, comer, entre outras, que são inerentes a cada indivíduo, não podendo, de maneira nenhuma, dissociar-las destes. E sim, a forma mais tacanha, mesquinha, irracional que a individualidade se apresenta, principalmente quando transformamos a mediocridade dos nossos problemas em algo aterrorizante;

quando achamos que as nossas dores são infinitamente superiores as dores coletivas; quando ficamos alheios aos problemas gerais e canalizamos todos os esforços, apenas, para o nosso bem-estar. O resultado disso tudo está aí, escancarado, para todos assistirem. Não queremos dizer, com isso, que tenhamos que nos esquecer e passar a viver em função dos outros. Não! De forma nenhuma! O que queremos dizer é que, parte de nossos problemas – inclusive a maior parte – é fruto de um desajuste social e que não será “retificado” enquanto esse desajuste não for, também, “retificado”. Pura ilusão, achar que é diferente.

No nosso meio se acredita em tudo, menos na possibilidade de mudança. Estranho, não? Estamos tão intimamente ligados às questões pessoais, que se se falar em projetos coletivos soa estranho aos nossos ouvidos. Estamos tão contagiados e absorvidos com a desesperança – como absorvente de terceira, que absorve até transbordar – que o lema é: cada um por si. Estamos chegando a algum lugar? E se Pedro Velho fosse um município em que as ações voltadas para educação, saúde, agricultura, meio ambiente, esporte, cultura, lazer entre outras, funcionassem da forma mais eficiente que se possa existir? Para quem seria ruim? Para nós? Para os nossos filhos? Ou seria ruim para os que cultuam a máxima do *quanto pior melhor*? Aqueles que engordam suas contas bancárias com o dinheiro público e dão o dedo para os cidadãos depois de eleitos? Felizmente ou infelizmente uns limitam-se apenas dar o dedo, pior é quando além do dedo, alguns resolvem dar surra, chibatada, meter revólver na cara...

Bem, insistindo ainda, no que foi abordado em outro momento, os espaços estão abertos para os que querem contribuir conosco, criticar algo que

foi dito ou até mesmo fazer parte desse informativo que nos remete a uma boa gastronomia, longe de um manjar funéreo.

A título de esclarecimento, o nosso pequeno informativo não pertence à Cledenilson, nem o que foi escrito por ele, partiu da Secretária de Educação, de cujas políticas educacionais não somos defensores. Querer identificar *Os Psicologismos* como algo que partiu da Secretária de Educação é querer ver bicho aonde não tem. É querer desvirtuar os problemas da educação do seu verdadeiro foco e transferir para o campo político partidário, e isso, não é sensato nem benéfico. Se alguém acha que tem que tomar algum tipo de satisfação, que tome com quem realmente escreveu, ou com as pessoas que abriram os espaços. Em outro momento o mesmo artigo foi vetado pela Secretária de Educação, de circular pelo seu informativo interno. Isso evidencia que o posicionamento da Secretária é de não levar o problema educacional para o campo unilateral, demonstrando, dessa maneira, uma atitude ajuizada.

Vivemos numa sociedade “DEMOCRÁTICA”. Querer coibir, nos dias de hoje, a “liberdade” de expressão (não confundindo com libertinagem de expressão), é querer voltar para a ditadura; é querer negar a existência dos indivíduos como cidadãos e, acreditamos, não é essa a intenção de quem se propõe mudar esse quadro agonizante. Isso fica para quem, historicamente, vem solapando os nossos sonhos: os mensageiros da agonia.

Por fim, atendendo a sugestão de Cledenilson, estamos abrindo a seção de cartas, para quem quiser manter um canal de comunicação como o ARROTO.

Direção: Marcos Teixeira & Tito Lívio

Preparação de Originais: Tito Lívio

Diagramação: Tito Lívio

Colaborador desta Edição: *Metereologista Social*

Para enviar carta, críticas ou sugestões:

o.arroto@bol.com.br ou entregar diretamente aos editores

Façam Suas Apostas - por: Tito Lívio

A interferência na política de nosso município por indivíduos possuidores de dinheiro, sempre foi o diferencial para se ganhar as eleições. Prática que demonstra, não só a incapacidade de se ganhar de forma honesta, como, também, prejudica substancialmente as finanças públicas. Pedro Velho vem sendo nos últimos tempos, vítima do abuso do poder financeiro.

Façam suas apostas! Mas, lembremos que os escrutinadores lacaios que desviavam votos, na época em que ainda se contava manualmente, foram substituídos pela ingerência, dos que, na política local, apostam na força do poder financeiro para conduzir o município à derrocada. E hoje esse desvio é feito antes da apuração.

Há uma interferência clara durante esse período. Mas, há também, uma postura clara de quem intervém com dinheiro em uma campanha política para favorecer candidato A ou B. Quais foram os candidatos que foram favorecidos nesses últimos tempos com o uso do dinheiro para se eleger? Qual o ganho político, social, econômico do município, com essa postura?

Resultados positivos não se podem citar, contudo podemos apontar uma série de, quase, infinitas mazelas da qual padecemos. Os sintomas são claros, o diagnóstico de difícil mensuração e o paciente (Pedro Velho) agoniza de forma dramática, juntamente com seus cidadãos, esperando que a luz

do fim do túnel não seja mais um engodo, dos muitos que passaram e dos muitos que, provavelmente, virão.

E os investidores (especuladores), que tão “gentilmente” utilizam seu poder de barganha para atingir objetivos, até hoje, duvidosos? Esses que gastam suas pequenas fortunas em campanhas de mentecaptos, calhordas, néscios, para sacrificar, mais ainda, o nosso pobre e tão sofrido município? Quem são eles, que se utilizam das penumbras para se movimentarem, não mostrando a face, para depois de conseguido os objetivos, verem realizado o seu grande sonho, a ruína do município?

Façam suas apostas! Quem será a bola da vez? Candidatos com feições rocambolescas, Doutores Frankenstein estão se propondo, como também os presentes ratoneiros. Os ardilosos estão tramando, maquinando, conchavando para fazer valer a máxima do **quanto pior melhor**. E os novos gatunos? Esses que prometem a alma ao diabo para atingir seus

objetivos? Bem, esses são de uma malevolência tão absurda que faz corar até o Tinhoso.

Façamos nossas apostas, e o resultado final não é de espantar: abandono, descaso, desprezo, gatunagem, servilismo, inoperância...

Os sintomas são claros, o diagnóstico de difícil mensuração e o paciente (Pedro Velho) agoniza de forma dramática, juntamente com seus cidadãos, esperando que a luz do fim do túnel não seja mais um engodo, dos muitos que passaram e dos muitos que, provavelmente, virão.

O Cassino Pedro Velho, nos últimos tempos, vem servindo para que pequenos especuladores da política local possam multiplicar suas pequenas fortunas. Não importa como seja feito, o importante é que se faça, que se ganhe, mesmo que seja sobre o sangue de quem já nasce marcado pela vida.

Nessa mesa de jogo do bicho com caricatura de bolsa de valores, onde se tem desde gatunos até os irmãos metralhas, não é difícil prever o resultado desse

triste fim melancólico.

E nesse escarcéu de incertezas há, pelo menos, uma única certeza: a de que a linha que separa a honestidade da roubalheira é tênue e nossos governantes vêm batendo recordes, ultrapassando essas barreiras. Falta apenas, depois de ter recebido a medalha do roubo, ser erguido um monumento em honra a insensatez.

Conto de Escola - por: Gregório do Mato

Era uma vez PEDRO. Jovem, cheio de potencial. Por ironia do destino, pobre. Ocorre que PEDRO, apesar de tudo não se aplicava muito a escola. Vivia por negligenciar e a tratava com desdém. Quase nunca fazia a lição de casa, destinava sempre o pouco dinheiro que tinha a festas e bebedeiras.

Mesmo pobre, era bastante orgulhoso e achava que mais valia um final de semana na praia, do que a compra de um bom livro ou uma viagem de estudos. Assim os anos se passaram e PEDRO continuava sem muita educação. Todos o questionavam, muitos o aconselhavam, procurando mostrar-lhe que a escola era importante e só ela possibilitaria um futuro promissor. Mas, PEDRO continuava por tratar a escola em segundo plano. Suas idas à escola eram irregulares, sempre procurava motivos para estar ausente, mesmo quando sua presença era indispensável.

Via seus professores como problemas e

não dava aos mesmos a devida atenção. Para PEDRO, professor era um operário como outro qualquer e não um operário especial que precisava de atenção e condições especiais de trabalho e de compromisso recíproco para a obtenção de bons resultados.

Um dia PEDRO foi posto em teste. Precisava fazer uma prova para avaliar seu nível de conhecimento e assimilação dos conteúdos básicos. Feito a prova, ficou por aguardar ansioso o resultado, como ficam todos os que são postos em xeque.

Um professor, figura que já disse, não era

Para PEDRO, professor era um operário como outro qualquer e não um operário especial que precisava de atenção e condições especiais de trabalho e de compromisso recíproco para a obtenção de bons resultados.

para PEDRO das mais simpáticas, veio anunciar o resultado, alertando que ficaria na média quem obtivesse nota maior ou igual a 2,7, abaixo disso, todos estariam reprovados.

Qual não foi a surpresa. Por ser menos aplicado, não fazer a lição de casa, não frequentar regularmente a escola, preferir gastar com festas e cachaça, não valorizar o professor, nem ao menos os livros, PEDRO ficou com média 1,9.

Os anos se passaram e um dia encontrei PEDRO VELHO, sem ainda conseguir êxito quando a exigência era medir seu nível de conhecimento e qualidade no aprendizado.

EM BREVE OFICINA DE LEITURA

Apoio: Centro Cuitezeiras

Para Ler o ARROTO OnLine:

<http://br.geocities.com/centrocuitezeiras>

Chamamos sua atenção para a V Semana de Cultura das Escolas do Cuité
Tema: Folk-lore e Cultura Popular do RN - Data: 16 a 19/10/2007

Não culpamos pelas injustiças, que são cometidas a milhares de pessoas, em nome de interesses nefastos, os seres irracionais, pois não seriam irracionais; não culpamos ainda, os seres inanimados, pois não seriam como tais; porém culpamos todos aqueles que governam com tacão de ferro, oprimem e massacra impiedosamente o povo, claudando os que clamam por liberdade e justiça e, escutando os que se calam por submissão.

Alegorias Sociais - por: *Metereologista Social*

Termômetros. Sim eles existem. Existem termômetros de todos os tipos, até atípicos.

Avaliadores de temperaturas diversas, mas que na sua essência procuram sentir e mensurar realidades que lhe sejam próximas, dotando o termômetro de indicadores capazes de priorizar suas escolhas.

Termômetros ativos, passivos, inertes, desconfiados, incrédulos, balofos, comprometidos irresponsáveis, com sustância, sem ela, lúcidos, líricos, aproveitadores, abnegados, apáticos, participativos, revolucionários, magnânimos, enfim, qualquer adjetivo qualificativo encontra certamente seu corpo por aí. E é nessa existência, de temperaturas apreendidas, que outros termômetros debruçam seu objeto de estudo para melhor entender e orientar termômetros e temperaturas que se perderam ao longo do tempo na sua mais nobre condição; a de poder decodificar temperaturas e questionar a avaliação de outros termômetros em prol da evolução.

Nesta exuberante diversidade de tipos, começou-se a assistir ao crescimento desenfreado e contagiante de um tipo especial, que por sua quantidade e características poder-se-á falar de uma epidemia generalizada, cuja sintomatologia mais gritante é a cegueira. Não uma incapacidade invisual física, mas outra muito mais destruidora, cujo auto-diagnóstico, é de difícil aval-

iação. Não a que não vê, mas aquela que não quer ver. Esta, possuída de tamanha virulência, que vem minando e adoecendo indivíduos famílias, comunidades, cidades, e pasmem-se, algumas sociedades quase por inteiro, que vem acrescentando algumas mazelas oportunistas a esse mal, concorrendo para o aprofundamento dessa doença, que por si só já seria bastante, mas que concomitantemente se torna avassaladora.

Temperaturas omissas encobrem desconhecidas, não trabalhadas, temperaturas amargas, quase todas catalisadoras de uma doença que já se reconhece social, quase todas paridas de um ventre que nunca se quer responsabilizadas. Prol sem planejamento familiar, nascida ao acaso e pelo acaso é orientado no seu devir incrédulo. Nada surge por acaso.

As causas chamam-se gestões umbilicais, descomprometidas com os outros, mas altamente sintonizadas em si mesmas. Infrutíferas em terreno alheio,

mas prodigamente produtivas em causa própria. Geraram e continuam gerando termômetros com auto-estima baixa, parca participação social, descrédito institucional, insucessos generalizados e assistencialismo inconsequente.

Outro quadro sintomatológico resultante é a magnífica maledicência, que por omissão e ociosidade se torna rainha manipuladora de um reino já seu, mas em franco crescimento. Com temperaturas muito imaginadas que sem sustância, ou se por acaso com ela, nada importa aos outros e mais acrescenta ao desenvolvimento desta patologia social.

Mas, os termômetros têm em si a capacidade de mudança, valha-nos isso. Basta abrir os olhos, enxergar e acreditar que somos capazes de mudar e de dar ao significando um significado, possibilitando que os futuros termômetros sintam as diversas temperaturas na sua saudável plenitude de direito e de bom senso, gerando desta forma, outros novos horizontes.

As causas chamam-se gestões umbilicais, descomprometidas com os outros, mas altamente sintonizadas em si mesmas. Infrutíferas em terreno alheio, mas prodigamente produtivas em causa própria.

TEXTO, FOTO E REFLEXÃO

Trecho do Livro: *De Estado Servil a Nação Soberana*

Autor: J. W. Bautista Vidal

A Corrupção é doença de alto poder de contaminação. Tende a estender-se rapidamente sobre o quadro social, apodrecendo-o, ao modo como uma maçã podre alcança todas as demais que lhe são próximas. O desonesto, uma vez que prevaricou, passa a ter ódio mortal ao honesto e não descansa enquanto não o destrói. Sua consciência não o deixa tranquilo em presença do honesto. Somente é feliz entre os seus iguais. Entre eles, a desonestidade é mérito. Uns defendem os outros e levam de roldão, como um rolo compressor, todos aqueles que se opõem aos seus desígnios. Os desonestos além de destruírem os cidadãos dignos, levam à destruição a sociedade que dominam.

Monumento Erguido em Honra a Corrupção



Suposta Escola construída na Av. Professor Genar Bezerril – Quem responderá e irá pagar por esse roubo ao patrimônio público?

“Senta Que Lá Vem a História” por: *Marcos Teixeira*

Eis que estávamos a transitar por uma das tortuosas vielas de Vila Nova e sem querer (querendo) esbarramos nesse sórdido monte de ruínas. Desavisado Caio Graco perguntou-me: por acaso estamos sobre os escombros de Sodoma? Respondi-lhe: não. Será o sobejo de Hiroshima? Também não. Então onde estamos? E então lhe disse: “senta que lá vem a história”.

Há anos passados, quando Nero ainda posava de herói e ameaçava todos ao Coliseu, iniciou-se aí a construção de um templo destinado ao saber. Como a estrutura administrativa do país (pasmem) era mais podre do que hoje, rios de dinheiro foram canalizados pelo governo do Estado à construção desse templo e em seguida, desviados por Nero para fins pessoais. Passaram-se os anos e a obra nunca chegou ao fim, pois quanto mais demorasse, mais dinheiro seria solicitado e desviado. Esgotados os limites da corrupção, disse-me Heródoto, um dos mais célebres historiadores da Vila, que Nero ordenou a um de seus vassallos, que procurasse uma forma de mostrar ao governador que a obra tinha sido concluída, este por sua vez ficou sabendo que numa província vizinha, havia se construído um templo de projeto semelhante. Sabendo disso, maquinou a idéia: foi até lá, fotografou a obra concluída e enviou as fotografias anexas aos falsos relatórios, como sendo da obra de seu rei, inclusive, com imagens da festa de inauguração colhidas num cão-mício de campanha.

Satisfeito, o governador enviou a Nero cumprimentos, parabenizando-lhe pelo extraordinário feito. E pôs fim ao assunto. O sábio vassallo sentiu assim necessidade de por fim a uma parte do material que havia sido adquirido para lavar as notas, o que não foi muito difícil, pois alguns pobres edis que estavam sem teto, ganharam o material como “cala a boca” e tudo foi resolvido.

Moral da história: até hoje Vila Nova não dispõe de prédio para abrigar os alunos do ensino médio e a escola funciona em prédio emprestado servindo de massa de manobra aos interesses políticos das oligarquias dominantes. Já Nero, perdeu seu prestígio político e parte do que barganhou na corrupção, mesmo assim ainda sustenta sua pose estendendo a herança nefasta de sua má formação a outros membros de seu clã que vez por outra se põem de Moisés querendo levar todo mundo à Canaã.